



Publicado originalmente em: Anais do ENTBL – Planejamento para o desenvolvimento local. 03 a 06 de novembro de 2004. Curitiba – Paraná, 2004.

PAISAGEM E PAISAGENS DO PARQUE NACIONAL DA CHAPADA DOS VEADEIROS: O OLHAR DOS “DE DENTRO” E “DOS DE FORA”*

Clarinda Aparecida da Silva **

Resumo: No presente estudo objetivamos identificar as experiências ambientais vivenciadas pelos grupos “de dentro” - morador nativo e migrante e “de fora” - turistas - com a paisagem do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros. Destaca-se por abordar os aspectos mais íntimos dessas experiências, em como essa paisagem é percebida, quais os valores e significados são manifestados diante dela. A percepção dos sujeitos que constituem esses grupos possibilitou-nos verificar, também, a força e a tendência de suas atitudes frente a essa Unidade de Conservação.

Palavras chave: Paisagem, percepção, experiências, valores e significados

Introdução

Os Parques Nacionais destinados ao uso turístico tornaram-se, principalmente, objeto de apropriação estética, projetado e divulgado através das formas de olhar e, transformado em produto comercializado pelo *marketing* da atividade turística. É a percepção visual o instrumento fundamental para difundir as paisagens como produto com valor de troca. Entretanto, antes de ser apenas um objeto de contemplação sob o controle do olhar fixo e estático, a paisagem é, acima de tudo, obra da mente humana.

Tomando a paisagem como um aspecto visível e imediatamente perceptível do espaço, sob um olhar que atribui sentido, valores, mitos, crenças e sonhos, é possível pensá-la como uma articulação entre o mundo real, objetivo e aquele da subjetividade humana (BARBOSA,1998). É por meio do olhar que se estabelece uma relação entre o sujeito e o objeto, entre o homem e a paisagem, revelando dimensões, faces e significados distintos, que vão do subjetivo e imaginário ao concreto. Assim, a paisagem é o resultado do [...] “olhar lançado ao mundo e um objeto visível ao olhar do mundo” (PERRONE-MOISÉS,

* Este artigo faz parte de uma discussão maior, realizada na dissertação de mestrado intitulada “Paisagem campo de visibilidade e de significação sociocultural: Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros e Vila de São Jorge” defendida no IESA/UFG em agosto de 2003.

**Mestre em Geografia professora do curso de turismo do Centro Federal de Educação Tecnológica de Goiás e da Secretaria Municipal de Educação de Goiânia - cas@cefetgo.br

1988, p. 327). Portanto a leitura da paisagem na perspectiva da percepção deve ultrapassar o seu aspecto visual para chegar aos significados e valores.

As Unidades de Conservação que permitem uso pelo turismo conferem uma diversidade de formas de ver e perceber a paisagem, o que permite-nos compreendê-la como uma complexidade multiforme de realidades, valores, sentimentos e significados coexistentes num só processo: indivíduo e mundo, conhecimento objetivo e subjetivo. Portanto entendermos a preferência, o gosto, os laços afetivos ou não das comunidades com as paisagens é o ponto de partida para compreendermos o turismo como um fenômeno cuja análise deve estar centrada no ser humano e nas suas experiências com a paisagem. É a partir dessas experiências e respostas que os indivíduos atuam em relação a utilização das paisagens.

Nesse sentido no presente trabalho nossa intenção é buscar decodificar e compreender os diferentes olhares, significados e valores construídos pelos grupos “de dentro”¹ – moradores nativos² e migrantes e “de fora” – turistas – em suas experiências, direta ou indiretamente vivenciadas com a paisagem do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros³.

Essa Unidade de Conservação vem sendo procurada por inúmeros turistas e migrantes, principalmente, como espaço de lazer e de mudanças no seu modo de vida diário. A relação desses grupos com o ambiente somada ao convívio diário daqueles que já moravam e moram no entorno deste Parque, resulta em experiências diversificadas com a paisagem. Portanto o estudo do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, revela um amplo leque de ricas possibilidades igualmente válidas. Como palco da atividade turística, pelos seus atributos naturais e estéticos, o Parque torna-se campo de visibilidade. No entanto, essa paisagem enfoca significados e valores construídos pelos indivíduos e grupos que direta ou indiretamente a vivenciam e diante da qual afloram-lhes os mais diversos sentimentos, logo ela é campo de significação sociocultural. Por conseguinte a análise dessa paisagem envolvem relações dinâmicas e complexas diretamente ligadas à vida dos grupos sociocultu-

¹Essa dualidade do olhar é abordada por Luchiani (1997), Tua\ n (1983), entre outros, os quais referem-se a moradores e visitante/ turistas ou a nativos e visitantes. A expressão “de dentro” e “de fora” é referenciada em Almeida (1998).

² Nativos são aqui considerados os moradores da Vila de São Jorge, situada a 1 km da entrada do Parque, que chegaram à região em função das atividades de extração do cristal e fundaram a Vila e aqueles que, posteriormente, nasceram e foram criados ali. Este moradores consideram e identificam-se como nativos diferenciando-se dos grupos que, principalmente, em função da atividade turística, migraram para a Vila num período mais recente. Assim, faremos uso da terminologia *Nativo* no sentido de distinguir a população tradicional dos novos grupos de moradores migrantes, pois um [...] “dos critérios mais importantes para definição de culturas ou populações tradicionais, além do modo de vida, é, sem dúvida, o reconhecer-se como pertencente àquele grupo social particular” (DIEGUES, 2000, p.88).

³Essa Unidade de Conservação, criada pelo Dec. 49.875 de 11 de janeiro de 1965, está localizada no Planalto Central do Brasil, na Região Nordeste do Estrado de Goiás e Microrregião da Chapada dos Veadeiros.



rais que ali vivem e à atividade turística. Logo, dirigimos nossa atenção para as experiências que os grupos vivem com o Parque, as quais são expressas nas descrições das suas vivências direta, íntima ou indireta com a paisagem dessa Unidade de Conservação.

O olhar dos “de dentro”

O Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros pelas diversidades de formas visíveis ou pelas diferentes maneiras de vê-lo, vivê-lo e apreendê-lo é uma paisagem que revela inúmeras paisagens com diversos sentidos. Assim, as percepções, os significados e valores atribuídos ou os sentimentos aflorados, geralmente, não se estendem à paisagem do Parque como um todo, mas restringem-se a determinadas paisagens. Portanto, estamos falando de paisagem e paisagens.

O visitante e o morador focalizam aspectos bem diferentes da paisagem. De um lado um olhar derivado de uma imersão na totalidade do ambiente de quem ali vive, ligado à história e a produção social, cultural e simbólica. De outro lado a visão fugaz de quem está de passagem em busca de uma multiplicidade de imagens.

Para os moradores nativos as paisagens do Parque contêm significados muitas vezes não visíveis a um simples olhar, principalmente, de um estranho. Revelar seus significados [...] “exige a habilidade imaginativa de entrar no mundo dos outros de maneira autoconsciente e, então re-presentar essa paisagem num nível no qual seus significados possam ser expostos e refletidos” (CROSGROVE, 1998, p.103).

Na percepção dos antigos moradores em relação à paisagem do Parque, fica evidente as lembranças afetivas que restaram do passado. Os momentos vividos durante a existência do garimpo na área que hoje é o Parque são fortemente presentes nas recordações dos ex-garimpeiros. São nessas paisagens, cenários da história de vida desses antigos moradores, que os lugares foram criados e estruturados e suas imagens são percebidas e gravadas na memória, permanecendo viva na força dos seus sentimentos e em cada lembrança. Assim sendo, o Parque passa a enraizar no mais íntimo desses moradores um conjunto de paisagens e lugares inerentes a cada recordação, e encontrados na articulação da palavra e do pensamento, como mostra a riqueza deste relato:

Eu conheço ali demais,. Na 120⁴ não desce. Nós discia [...]. Os garimpeiros, nós ia faze pic nic lá dia de domingo e pescá, era bão, [...].Tinha vez que

⁴ Refere-se a Cachoeira do Salto 120, também denominada de Salto I ou ainda Cachoeira do Garimpão



levava era dias aí pescano, caçano, pegando bichinho e comendo paca e peixe, fazendo pic nic. **Era bom dimais.** (morador nativo/sexo masculino/mais de 55 anos/aposentado/ex-garimpeiro).

Esse e outros depoimentos deixam explícitos que não é a percepção visual a principal forma de ligação desses sujeitos com as paisagens do Parque, mas o envolvimento com o mundo físico que prevaleceu do passado. Imagens passadas e presentes na memória desses moradores evidenciam a paisagem do Parque como o lugar construído nos tempos de garimpo.

A Cachoeira do Salto I é percebida por um desses moradores, não apenas visualmente, mas envolve contato corporal. Ele sente a paisagem e responde afetivamente a essa interação. Nesse caso, utilizando das palavras de Machado (1988), a paisagem não está apenas ao alcance do olhar, ela envolve outros sentidos como mostra o depoimento:

Pra mim **eu não acho boniteza naquilo** ali. Só a 120 , porque ali de baixo **tem um poçãõ muito grande e bãõ pra gente pescar. Aquilo ali tem aquele serenozinho** quando cê vê tá tudo molhado e um frio desgramado. **Ali é bãõ** (morador nativo/sexo masculino/mais de 55 anos/aposentado/ex-garimpeiro).

Esse tipo de afeição [...] “pode formar simplesmente com a familiaridade e tranqüilidade, com certeza de alimentação e segurança, com recordações de sons e perfumes, de atividades comunais e prazeres simples acumulados através do tempo” (TUAN, 1983, p.176).

No Parque a percepção da paisagem da Cachoeira do Salto I para os moradores mais antigos está muito ligada aos momentos vividos durante a atividade garimpeira. Seus depoimentos desvelam um conhecimento da paisagem que somente a vivência proporciona. No caso, não só a vivência dos nativos, mas também de migrantes. Ainda que estes sejam poucos, seus relatos testemunham grande sensibilidade e variedades de experiências com a paisagem que vai além da percepção visual, envolvendo as sensações, a audição ou outros sentidos.

É interessante observar que um morador migrante, que diz ter sido garimpeiro por apenas 11 meses, comenta que, realmente, o que lhe atrai é o garimpo e revela que vê a paisagem apenas pelo poder a atração que ela desperta nos turistas. Entretanto ao falar sobre a Cachoeira do Salto I, assim como os moradores nativos anteriormente, ele demons-



tra um envolvimento com a paisagem que vai além da atração visual. Nesse caso, a percepção auditiva se manifesta intensamente.

Ah!, a Cachoeira de 120, porque eu garimpei lá berano. Ela é muito bonita[...] A gente ficava acampado lá e no tempo da chuva ela **urrava tanto**. Enchia muito, despejava a uma distância de cinco metros, era o trem mais bonito. Eu vi ela cheia muitas vezes, mais **cheia de urrar e ela urrava tão forte que chegava balangá**. Sabe **aquilo pra mim não tinha coisa mió**. (idem).

Assim, utilizando das considerações de Tuan (1980, p.10/11) sobre as diferenças nas formas de cada ser humano responder ao mundo através dos sentidos, verifica-se que os [...] “olhos obtêm informações muito mais precisas e detalhadas, sobre meio ambiente, do que os ouvidos, mas geralmente somos mais sensibilizados pelo que ouvimos do que pelo que vemos”. Tuan evidencia, ainda, que embora dependemos mais da visão, a [...] “nossa experiência de espaço é aumentada grandemente pelo sentido auditivo, que fornece informações do mundo além do campo visual”. Este autor acrescenta, também, que o som da chuva, do trovão, o assobio do vento batendo no capim, [...] “nos excitam com intensidade raramente alcançada pela imagem visual”.

Isto ajuda a compreender como as intimidades vivenciadas pela experiência direta por meio de sons, visões e contatos dos antigos garimpeiros com a paisagem do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros dão a esta a real condição de lugar. Muitos deles no decorrer da entrevista, de uma forma ou de outra, expressam que a atividade garimpeira era carregada de sofrimento, mas revelam intensos laços afetivos estabelecidos com a paisagem, no período em que o garimpo era o centro da vida e da subsistência desses moradores.

Essa profunda ligação dos antigos moradores com a paisagem do Parque, em especial com a Cachoeira do Salto I evidencia a relação tempo e lugar. O lugar é aquele construído pela experiência com a paisagem, repetida dia pós dia e através dos tempos. É, também, lugar como lembranças de tempos passados. Portanto, quando esses moradores resgatam o passado, o lugar se faz presente na paisagem. Nesse caso, o passado não é uma paisagem que ficou para trás, ele é resgatado e tornado acessível para fortalecer o sentido do eu e da identidade dos nativos (TUAN, 1983).

Ligada ou não ao garimpo, é patente que a paisagem das Cachoeiras do Salto I é significativa para os moradores nativos e migrantes. Preferida pela maioria dos migrantes

entrevistados, ela sobressai em seus depoimentos, pela sua beleza estética, através das expressões: *fantástica, linda, maravilhosa e diferente*.

Embora a Cachoeira do Salto I tem significado especial, ligado ao passado e à atividade garimpeira, a paisagem mais escolhida pelos moradores nativos foi a Cachoeira das Cariocas⁵. No entanto os laços afetivos estabelecidos com essa paisagem estão vinculados de forma mais nítida aos valores estéticos, conforme ilustram o seguinte depoimento: “**É a que eu mais gosto, fui lá mais vezes. Eu acho bonito**” [...] (morador nativo/sexo feminino/até 25 anos/auxiliar em restaurante).

Observa-se, ainda, sentimentos de topofilia e topofobia, manifestados por esse sujeito em relação às Cachoeiras das Cariocas e as dos Salto I. Ele demonstra medo diante da altura da Cachoeira do Salto; segurança e tranquilidade frente a Cachoeira das Cariocas.

Na cachoeira 120 **não me sinto a vontade, eu tenho medo. Eu tenho medo de altura.** Gosto das **Carioquinhas** porque **é o lugar que eu acho melhor** [...]. (morador nativo/sexo feminino/até 25 anos/funcionária de restaurante).

Esses sentimentos demonstram que a Cachoeira das Cariocas é um lugar que oferece segurança, tranquilidade, enquanto que a Cachoeira do Salto I pode caracterizar, simplesmente um espaço “aberto e vulnerável” (Tuan, 1983). Um espaço que amedronta ou provoca a sensação de não pertencer a nenhum lugar, por consequência de seus sentimentos negativos ou topofóbicos de ansiedade e medo (MELLO, 1990). Para esse morador a Cachoeira do Salto I é a paisagem do medo.

Por outro lado, a maioria dos nativos e migrantes manifestam, predominantemente, sentimentos topofílicos aflorados diante das paisagens do Parque, em especial as das Cachoeiras do Salto I e das Cariocas. Esses sentimentos variam do prazer estético que se tem de uma vista ao deleite de sentir e ouvir a água. Palavras como tranquilidade, paz, segurança, liberdade, prazer, emoção, agradabilidade e de gostar disto, daquilo ou de tudo permeiam as respostas dos moradores. Estes sentimentos reafirmam assim a topofilia que varia em tipo e intensidade, pelas paisagens do Parque. A intimidade física e um somatório de lembranças tornam a topofilia dos antigos garimpeiros mais intensa. Isto pode ser explicado, porque esses moradores conhecem bem a paisagem do Parque, uma vez que por muitos anos ganharam a vida nela. Tuan (1980) em seus estudos sobre topofilia toma o exemplo do camponês e mostra que a ela é mais profunda quando há intimidade física, depen-

⁵ Essa cachoeira é também denominada por alguns sujeitos – moradores e turistas – de carioquinhas.

dência material e quando a terra é um repositório de lembranças. “A apreciação estética está presente, mas raramente é expressada” (p. 111).

A topofilia pelo lugar, também, pode ser observada em moradores nativos mais jovens, os quais denotam as mais intensas experiências com a paisagem do Parque. Para um desses moradores a beleza da paisagem é sentida pelo contato permanente, mesclado com lembranças de acontecimentos importantes em sua vida. A paisagem contém o lugar para o morador. Ela é percebida como um lugar de sensações emocionalmente afetuosas que a torna um símbolo para o entrevistado. Seu depoimento confirma o sentimento afetivo por um lugar que conhece bem.

A paisagem da trilha para os Canyons. **Esse caminho um colega meu falava pra gente que era o caminho das fadas, que eu era uma fada** (risos). É cheio de quartzo, aí vem as vassourinhas⁶ que fica de um lado e de outro, não só elas como também a diversidade enorme de vegetação [...] (morador nativo/sexo feminino/26-35 anos/professora/guia).

Essa sintonia entre o indivíduo e a paisagem, redundando em uma experiência íntima com o meio ambiente físico, só é conseguida após lentas e progressivas adaptações e estabilidade de relações entre as pessoas e a paisagem como, por exemplo, viver nela e com ela. Isto, também, pode ser observado no depoimento abaixo, no qual um morador nativos revela que percebe na paisagem as mais variadas transformações. O Parque é percebido como uma paisagem formada por várias paisagens, cada uma com suas diversidades e especificidades ecológicas que se integram.

A paisagem, a vegetação, olha, assim, **há mudanças na vegetação, você vai, tá iniciando, cheio de flores daí a pouco, começa a secar. Chega setembro, tá todo seco. Então é uma mudança assim, a cada momento ele tá renovando.** Ah, principalmente, se houver uma queimada dentro do Parque, o cerrado com uma semana tá tudo verdinho, tudo cheio de flores (morador nativo/sexo feminino/26-35 anos/comerciante/ex-garimpeiro).

A percepção dessas variações na paisagem só podem ser observadas através do contato direto e prolongado. Somente quem ali vive pode perceber as mudanças que o cerrado sofre a cada estação do ano. As variações nas folhas, nas cores das árvores, o período da seca, da rebrota ou da floração. Esse envolvimento suave e inconsciente com o mundo físico, a capacidade de observação é que falta nas pessoas das sociedades urbanas (TUAN,

⁶ Vassourinha (*Baccharis ruflescens*)

1980). Nesse sentido, Nogué i Font (1992, p. 95) estudando a paisagem existencial de cinco grupos de experiência ambiental na Comarca de *Garatoxa (Girona)* – Espanha, considera que:

El profundo conocimiento del paisaje es quizá lo que más caracteriza al grupo de experiencia ambiental campesino en relación con los demás. Su cotidiano, estrecho y directo contacto con el entorno, le proporcionan unas enormes posibilidades de interacción sensorial con el paisaje (una interacción que será mucho más armónica e globalizadora que en otros grupos).

Assim, para compreender as preferências ambientais de uma pessoa, necessitamos examinar a sua experiência cultural no contexto de seu ambiente físico (TUAN, 1980). Nesta perspectiva, contrapondo depoimentos anteriores sobre a vegetação do cerrado, um morador nativo destaca que [...] “o cerrado *é tão...*, **num sei se pobre seria a palavra, mas não gosto muito de cerrado**” (morador nativo/sexo feminino/36-45 anos/comerciante/professora).

Devido as duras condições climáticas, edáficas e hídricas que determina a existência do cerrado⁷, criou-se um dogma de que este é um tipo de vegetação pobre, constituído somente de árvores tortas sobre terras secas e ásperas. Essa idéia da pobreza do cerrado, de certa forma, influenciou a percepção de vários dos habitantes desse ecossistema. Com isso, pode ser que esse morador tenha sido induzido por esses referenciais culturais na percepção da paisagem formada pelo cerrado. As condições do cerrado somadas a dura sobrevivência dos ex-garimpeiros nesse bioma, possivelmente, reconstituem no imaginário desse morador a idéia de pobreza do ecossistema, gerando sentimentos de rejeição e/ou estranhamento diante dessa paisagem.

Nesse caso, Tuan (1980) nos auxilia explicando que as preferências ambientais de uma pessoa estão relacionadas a sua criação, educação como também ao tipo de trabalho e história cultural. Nas palavras desse autor existem diversas visões de mundo em um meio ambiente comum. Isso é o que possivelmente explica atitudes das diferentes pessoas para o que é desejável no meio ambiente físico dentro do mesmo grupo cultural. Tuan acrescenta, ainda, que a tendência do homem tem sido responder emocionalmente a certos aspectos da natureza, tratando-os em uma época, como sublime e em outra como feio e desagradável. Cumpre notar que no caso da visão do Parque o entrevistado, apesar de destacar sua repul-

⁷ Sobre a caracterização da região dos cerrados ver Dias (1996).

sa pelo cerrado, reconhece nas paisagens sua importância para manutenção das potencialidades e valores ecológicos.

Essa percepção do cerrado como uma vegetação rude, também, pode ser observada entre os moradores migrantes. Um deles, ainda que valorize esteticamente as flores do cerrado, reafirma que esse componente se contrapõe ao solo seco e à aspereza da vegetação.

As flores do cerrado são muito especiais, **ao mesmo tempo que a vegetação é meio agreste, meio forte, as flores são muito delicadas** dentro de todas as dificuldades que elas enfrentam de solo rústico, seco (morador migrante/sexo feminino/26-35 anos/comerciante).

Novamente, a vivência e atribuição de valores ecológicos à paisagem é revelada. Um sujeito do grupo formado pelos migrantes percebe o *Canyon I* como um conjunto de componentes que funciona integralmente. Esse morador demonstra contato cotidiano, familiaridade e laços afetivos com essa paisagem. Seu depoimento evidencia um enorme prazer em poder conviver com tudo que a paisagem oferece.

O Canyon I é o lugar que eu tenho mais prazer visual em termos de paisagem por causa da variedade. [...] **essa biodiversidade não só de plantas..**[...] são muitas piscinas espalhadas naquele pedaço. Diante dessa paisagem tenho prazer lúdico, que não sei se dá pra explicar. **Um prazer de ter, de poder estar convivendo com isso.** (morador migrante/sexo feminino/36-45 anos/comerciante e guia)

Ainda entre os migrantes dois dos moradores entrevistados destacam as antigas áreas de garimpo como algo que poderia desagradar. Segundo um deles nessas áreas você percebe nitidamente que ali realmente houve destruição, pois a vegetação até hoje não se recompôs. No entanto, o outro morador considera que, aparentemente, o garimpo pode desagradar ou ser um aspecto negativo na paisagem, mas,

[...] também, **é uma história muito bonita da ocupação humana aqui do cerrado.** A história da cidade que é uma história muito forte, muito cheia de mito e tal. (morador migrante/sexo feminino/36-45 anos/guia/comerciante).

Essas antigas áreas do garimpo oferecem à percepção das pessoas as expressões culturais definidas sobre o espaço geográfico e criadoras das paisagens. Por um lado, são percebidas como um aspecto negativo na paisagem, uma vez que retratam um tipo de degradação do ambiente. Por outro, são valorizadas como uma forma de assegurar a manutenção da história do Parque e da cultura de quem vive ali. Isso reitera a versão de que al-

gumas das [...] “paisagens que mais admiramos são produtos da degradação ambiental” (DUBOS, 1981, p.17) .

É relevante destacar que, embora os moradores migrantes venham estabelecendo relações afetivas e alguns deles revelem uma forte familiaridade com a paisagem, ainda é presente na percepção da maioria desses moradores a paisagem espetáculo. Segundo (NOGUEIRA e FONT, 1992) uma paisagem se converte em [...] “*en un paisaje espectáculo cuando no podemos asociarlo a nuestra experiencia, a nuestro pasado, a nuestro recuerdos, a nuestros emociones y sensaciones*”.

Isto pode ser observado entre grande parte dos moradores migrantes entrevistados que indagados sobre qual paisagem do Parque escolheriam como Cartão-postal, demonstram que não preferem uma paisagem ligada a suas relações cotidianas, suas emoções, mas sim àquela que chama atenção devida sua beleza e grandiosidade, como é o caso dos Saltos. Para eles a beleza, a imponência e a magnitude dessas paisagens lhes conferem o caráter de postal, como mostram a seguinte expressão: “*meu cartão-postal seria a **Cachoeira de 120. Ela é muito espetaculosa.***” (morador migrante/sexo masculino/46-55 anos/comerciante). Esses moradores possivelmente, ainda, percebem as paisagens condicionados a um referencial estético de “paisagem paraíso”, que deve ser exposta aos olhares e admiração urbana.

Contraopondo-se aos migrantes, a escolha dos moradores nativos denota que eles enviariam ou mostrariam a alguém aquela paisagem com a qual estabeleceram fortes relações afetivas ligadas ao seu passado, às suas experiências, às emoções vividas e presentes naquele lugar. De acordo com Tuan (1980), o forte elemento estético presente em nossas atitudes para com a natureza varia de cultura para cultura e não é facilmente influenciado. Daí, utilizando das expressões de Bachelard (1988, p.130), precisa-se [...] “perder o paraíso terrestre para vivê-lo verdadeiramente, para vivê-lo na realidade de suas imagens, na sublimação absoluta que transcende” [...] a visão de espetáculo.

Cuidar do Parque: atitudes diante da paisagem

É baseado na percepção que o indivíduo ou o grupo manifesta opiniões, preferências e atitudes diante da proteção, da conservação e daquilo que lhes é desejável na paisagem, bem como atribui responsabilidades por essas ações em relação ao meio ambiente. Em relação ao Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, a percepção dos moradores

migrantes quanto a responsabilidade em cuidar dessa Unidade divide-se, igualmente, entre a comunidade local e o IBAMA. As respostas desses moradores podem reforçar, por um lado, que a concepção de conservação ainda é muito vinculada aos preceitos e valores institucionalizados. Nesse caso, o Parque enquanto patrimônio nacional é visto como uma unidade que deve estar apenas sobre a guarda do poder público. Por outro, há a possibilidade de que grande parte dos entrevistados acredite no papel do órgão ambiental para desempenhar essa tarefa.

Diante da possibilidade de privatização ou terceirização do Parque, moradores migrantes e, principalmente os nativos, em muitos momentos das nossas conversas expressaram que seria a comunidade organizada e/ou a Associação de Condutores da Chapada dos Veadeiros – ACVVCV, os mais capacitados para assumir a administração dessa área. Os moradores afirmam que almejam esse compromisso, acrescentando que são eles os maiores protetores do Parque.

Nós que **somos aqui do local**, que temos que cuidar do Parque. **Tem onze anos que a gente tá cuidando legal**, agora o pessoal tá falando em privatizá (morador migrante/sexo masculino/26-35 anos/guia/construção civil).

O conhecimento e a experiência acumulada com a vivência das pessoas nativas com a paisagem, é valorizado por migrantes entrevistados. Esses moradores denotam que o saber das populações tradicionais pode levar, de forma mais adequada, à conservação da Unidade. Segundo um desses moradores

***A comunidade aqui, muitos nativos viviam no Parque. A Vila antes era dentro do Parque, então ninguém melhor. São os maiores conhecedores das plantas, são os maiores conhecedores das trilhas.** [...] (morador migrante/sexo feminino/36-45 anos/guia).*

A preocupação em conciliar diversidade ecológica e cultural, que não existiu no momento de implantação dessa Unidade de Conservação, é manifestada, agora, por moradores migrantes preocupados com a participação efetiva da comunidade na conservação do Parque e no desenvolvimento do turismo. Os depoimentos desses moradores também deixam evidente que a paisagem do Parque não é, apenas, uma expressão dos atributos da natureza expostos à apreciação estética. Essa paisagem é, principalmente, o resultado de sensibilidades, de saberes e, antes de tudo, horizonte da vida. É uma [...] “complexidade multiformes de realidades, de valores, de gestos e de vividos coexistentes” (ALMEIDA, 1998, p. 44).



Quanto aos nativos, apenas dois dos entrevistados concedem, exclusivamente, ao IBAMA as obrigações para com essa Unidade de Conservação. Outros moradores vêem o Parque sob responsabilidade desse órgão, mas em conjunto com a comunidade e/ou a Associação de guias. Individualmente ou dividida com a comunidade, com os nativos ou, ainda, com o IBAMA, a maior parcela da responsabilidade sobre o Parque foi destinada por esse grupo de moradores aos guias/condutores de visitantes no Parque.

*Oia, quem deve cuidá do Parque é justamente a comunidade. A comunidade é que tem dado mais força, **principalmente, a Associação que nós temos dos guias.**[...] (morador nativo/sexo masculino/46-55 anos/comerciante/ex-garimpeiros).*

Vale ressaltar que não são apenas aqueles moradores que são guias que atribuem a si próprios a responsabilidade de cuidar do Parque. A comunidade nativa considera importante o papel do guia em relação ao zelo com essa Unidade de Conservação. Isto mostra uma diferença entre os moradores migrantes, os quais valorizam a comunidade, em especial, os nativos, mas poucos conferem o Parque aos cuidados dos guias.

Os nativos ao serem destituídos de suas atividades tradicionais integram-se, principalmente, a guiagem e ao Parque como forma de reconstituir a territorialidade perdida e garantir a identidade enquanto comunidade tradicional. O sentimento de pertencimento e responsabilidade com o lugar pode ser observado quando um desses moradores autorga aos guias a atenção com o Parque, mas antecedido da expressão “nós, os nativos”, como mostra o seguinte depoimento. “*Nós, **os nativos e, em especial os guias.** É o que a gente faz, a gente cuida*”. (morador nativo/sexo feminino/até 25 anos/guia e comerciante).

Os serviços de guia de visitantes, a preocupação com a proteção e manutenção do Parque e/ou outras atividades decorrentes da nova reconfiguração do espaço tem sido uma forma de manter com o lugar um recíproco sentimento de pertencimento. Os nativos se sentem como aqueles que pertencem ao Parque, assim como este lhes pertence. Nessa perspectiva os sujeitos desse grupo demonstram que são eles os atores sociais que, de fato, estão diretamente envolvidos com a proteção e conservação do espaço dessa Unidade de Conservação.

[...] **Já que é propriedade do governo federal.** Eu acho que eles deve colocar mais funcionários. Que seja nós, porque **nós tamos ajudando a prevervá uma área que ele cercou, dizendo que esta área é de preservação e quem cuida mais são os guias.** [...] Só ganhamos a diária dos próprios visitantes, não temos

outra renda, se não tiver visitante não temos dinheiro (morador nativo/sexo feminino/26-35 anos/guia).

Esse relato reafirma a importância do guia na conservação do Parque. O entrevistado manifesta que percebe um descompasso entre os valores institucionalizados e o papel exercido pelo governo para a real conservação do patrimônio natural, paisagístico e dos valores locais. Os cuidados com o Parque são deixados, em grande parte, a cargo da comunidade, desprovida dos tradicionais direitos de uso e da satisfação das suas necessidades básicas. Nesse caso, não há, por parte do governo, uma real avaliação dos impactos acarretados com a criação do Parque sobre o modo de vida dos moradores. Os guias assumem a responsabilidade pela conservação da área e ficam à mercê do fluxo turístico, e daquilo que os turistas querem consumir. Os residentes não são, ou poucos são envolvidos no planejamento e administração da Unidade.

Diante destes fatos, verifica-se que a implementação do uso turístico em Parques Nacionais possibilita o encontro das populações urbanas com a natureza, em detrimento das populações locais, uma vez que estas ficam desprovidas das práticas tradicionais que proibidas e/ou restritas, são substituídas por novas atividades decorrentes do turismo, geralmente, insuficientes para absorver toda mão-de-obra local e gerar recursos capazes da sustentabilidade econômica dos “de dentro”. Além desses fatores, segundo Diegues (2000),

[...] grande parte do orçamento das unidades de conservação é usada para a fiscalização e repressão e, [...] muito pouco para melhorar as condições de vida e a manutenção das populações tradicionais que, se organizadas e estimuladas, poderiam contribuir positivamente para a conservação das áreas protegidas (p. 19).

É irrelevante por parte dos moradores nativos e migrantes a preocupação com instrumentos de fiscalização. Isto revela possivelmente, um alto nível de sensibilização em relação à proteção do Parque pelas pessoas da região, principalmente entre aqueles que acompanham e orientam os visitantes. Pode, também, significar um descrédito dos moradores nesses recursos para uma efetiva proteção do Parque, principalmente os nativos, já que poucos deles conferem, exclusivamente, ao poder público os encargos com essa Unidade de Conservação.

Uma forte evidência da preocupação com a proteção do Parque é quando os nativos atribuem grande parte da responsabilidade com essa Unidade a todas as pessoas de um modo geral, reconhecendo-a enquanto patrimônio de uso público. Portanto, deve ser entregue aos desvelos de toda a sociedade, como ilustram os depoimentos abaixo



Eu acho que **todo mundo tem que cuidar, porque é um patrimônio nosso**. [...]Não só obrigação do IBAMA. (morador nativo/sexo feminino/26-35 anos/comerciante/ex-garimpeira).

Não existe pessoa indicada, **só a responsabilidade de cuidar** (morador nativo/sexo feminino/26-35 anos/guia/professora).

Pelo viés discutido, retomamos que são nos verbos criar e possuir que se encontram o verdadeiro valor da paisagem. Criar, nesse caso, é ter a paisagem como significado e significante do ato de viver ali e, possuir é no sentido de ultrapassar a condição de usuário e zelar, cuidar, proteger. Visto por essa perspectiva, os moradores nativos e migrantes da Vila de São Jorge mostram em seus depoimentos que cuidar é mais significativo como sinônimo de zelar, conservar do que administrar, gerenciar.

Os depoimentos aqui apresentados, testemunham em ritmos e intensidades diversas experiências e respostas dos grupos de moradores da Vila de São Jorge, com a paisagem do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros. Evidenciam sentimentos e significados que seguramente têm papel importante na formação de valores e atitudes e, em muitas ações desses sujeitos sobre as paisagens que ultimamente vêm despertando o interesse dos visitantes e aumentando o fluxo turístico para o local.

O olhar dos “de fora”

A apreensão da paisagem do Parque pelos turistas compreende diversos níveis de leitura, que vão da simples superficialidade do olhar pelas suas formas até dimensões mais fortes relacionados ao tipo de experiência e a afetividade para com elas.

A Cachoeira do Salto I e os *Canyons* estão entre as paisagens que chamam mais a atenção dos turistas. São percebidas visualmente pela beleza, através das expressões imponência, grandiosidade, fantástica, cujos conteúdos refletem exclusivamente os valores recreativos e estéticos destas paisagens. Nas palavras de um deles [...]“*a queda do 120, é bastante imponente, muito bonita. Ela é de forte impacto*” (turista/sexo masculino/26-45 anos).

Através da percepção visual uma ampla riqueza de detalhes é apreendida como, as cores, as pedras que se refletem na água, a forma da vegetação entre outros componentes da paisagem. Fascinados pelos aspectos visíveis e estéticos da paisagem, alguns turistas desvelam os componentes paisagísticos do Parque, valorizando-os ecologicamente como uma combinação de vários elementos que se sobressaem e agradam formando um todo.

Pra mim é uma combinação. Eu acho bonita a vegetação. Tem coisas assim específicas aqui da área. Em termos de flores, todas elas têm assim uma beleza diferente. **Agora pra mim é a combinação mesmo, você tem um morro, um morrão, um paredão, um rio claro, água.** Acho um contraste maravilhoso (turista/sexo feminino/36-47).

Esse conjunto de componentes mesclados com clima e solo seco, e ao mesmo tempo com a abundância de água sobressai ao olhar dos turistas. O cerrado sempre é percebido como seco mas, valorizado especialmente pelas flores e forma das suas árvores. Essa vegetação em conjunto com o relevo e a água forma a imagem do Parque na percepção desses sujeitos. Vejamos alguns depoimentos:

Impressiona bastante esse contraste árido e você sempre é levado ao encontro com água, abundância de água. Isso é um contraste muito grande, essa aridez imediata. **Pedras, pedras, vegetação rala, que é típica daqui, rochas, pedras,** essa aridez. **Depois passei a observar coisas que não via antes. A riqueza da vegetação** que num primeiro momento parece rala, parece pobre, mas é bastante diversificada e interessante (turista/sexo masculino/46-55 anos).

As árvores é muito diferente. **As árvores retorcidas, sempre chama atenção** aquele tronco todo enrugado e totalmente retorcido e as flores.[...]. Mas o **mais inesperado é quando você acha bastante água, que você vendo de fato um clima assim meio seco e tal, e depois você vai andando e vê um monte de riacho sempre com aquela água clarinha,** (turista/sexo masculino 46-55anos).

É ainda interessante observar que despertado por conhecimento literário anteriormente adquirido, um entrevistado identifica nessa Unidade de Conservação a diversidade de paisagens que o cerrado oferece.

O que mais gostei foi as veredas. **É uma coisa que chama muita atenção porque eu estudo literatura e isso aparece nos escritores regionalistas.** Então, saber o que é isso, **ver de perto,** assim a parte mais verde onde tem os **buritizais que são as veredas,** onde passa água, depois a mata fechada e os descampados com as flores. (turista/sexo feminino/até 25 anos).

Os turistas entrevistados demonstram que respondem à paisagem utilizando mais a visão do que qualquer outro sentido. No entanto alguns deles certificam uma experiência emocional que vai além do simples olhar sobre a paisagem, como é o caso da apreciação auditiva revelada no depoimento abaixo:

Olha o que mais me atrai no Parque é o Salto I. **Primeiro pela beleza,** porque é uma paisagem bastante bonita e pela água. **O barulho da água é algo que me**



impressiona muito, você tá chegando escutando aquilo **me deixa emocionada** (turista/sexo feminino/26-35 anos).

Utilizando das considerações de Tuan (1980, p.10), essa percepção auditiva pode ser explicada, possivelmente, pelo fato de nos sentirmos mais vulneráveis aos sons. “A audição tem uma conotação da passividade (receptividade) que a ‘visão’ não possui”.

Outro entrevistado, também, valoriza esteticamente a beleza da paisagem e expõe uma percepção que ultrapassa o campo visual. Ele expressa sentimentos topofílicos que envolvem uma atração visual mesclada com sensações experienciadas pelo contato corporal: “*Acho que o sentimento é de ver a beleza mesmo, acho uma paisagem muito bonita. **Pra mim foi o vento também.** Você imagina que vai ser sempre quente, abafado e tinha muita brisa*” (turista/sexo feminino 46-55 anos). Nessa perspectiva, Tuan (1980) novamente vem ao nosso encontro, afirmando que a textura de uma pele quente, o farfalhar das folhas, o cheiro do vento, o sentir da brisa nos atinge como sensações permitidas pela paisagem e disponíveis aos nossos sentidos para ser percebida.

Diante das percepções apresentadas, observa-se que as paisagens vislumbradas transmitem sentimentos revelados, conforme a integridade e as ambiências experienciadas pelos turistas no Parque. Essas paisagens, refletem um conjunto de significados diferentes e específicos atribuídos conforme suas inspirações, seus padrões culturais, sua educação, suas intenções e a natureza apresentada pelos ambientes encontrados (LIMA, 2000).

Os inúmeros sentimentos despertados pelos turistas diante da paisagem do Parque foram manifestados através de uma variedade de adjetivações como tranquilidade, gosto, cansaço, energia, integração, paz, imponência, serenidade, liberdade, emoção, relaxamento, beleza, etc. No entanto os sentimentos aflorados na maioria dos depoimentos, ainda que revele a topofilia dos turistas pela paisagem, neles não transparecem uma profunda intimidade com o mundo físico. O visitante, normalmente, não dispõe [...] “*del tiempo suficiente como para establecer con el nuevo paisaje unas relaciones de tipo sensorial, emotivo, afectivo demasiado fuertes. Y es ahí donde se constata con evidencia como un paisaje pueda convertirse simplemente em un paisaje espectáculo*” [...] (NOGUÉ I FONT, 1992, p. 94).

No caso do Parque é interessante constatar que os turistas percebem como cartão-postal, principalmente, uma paisagem considerada imponente, mesmo que esta não seja a que mais lhes agrada, mas é aquela que se revela diante deles como um espetáculo.



Como cartão-postal eu levaria a 120, porque ela é bonita. Já a piscina que eu tanto falei num é tão bonita, mas você precisa tá lá dentro,[...] (turista /sexo masculino/36-45 anos).

Esse caso, exemplifica a [...] “*distância espectador/escena típica de qualquer espetáculo*” (NOGUÉ I FONT, 1992, p.92).

Cuidar do Parque: atitudes diante da paisagem

A proteção dos parques implica numa relação que deve partir da sociedade entre si e desta com a paisagem pois, é baseado na percepção que o indivíduo tem da paisagem que ele atua em relação a esta. Nesta perspectiva, objetivando constatar a percepção dos turistas e a partir delas suas atitudes com respeito à proteção da paisagem do Parque, questionamos esses sujeitos sobre a tarefa de cuidar dessa Unidade de Conservação.

A maior parcela de responsabilidade pelos cuidados com o Parque foi atribuída pelos turistas ao IBAMA. Apenas um dos sujeitos entrevistados considera que essa tarefa deva ser efetuada pelo referido órgão em conjunto com um representante da comunidade. Transparece nessas respostas que a paisagem, uma vez reconhecida como um bem de interesse coletivo pelo poder público, deve ser submetida aos cuidados deste.

Quem cuida do Parque é o IBAMA. Eu acho que tá sendo bem cuidado, porque eles proibem muita coisa (turista/sexo feminino 26-35 anos).

Somente dois turistas consideraram responsabilidade da sociedade a tarefa de cuidar do Parque, e deixaram entender que a sociedade, nesse caso, são os visitantes. Os entrevistados, também, não atribuem responsabilidade para com o Parque, unicamente, aos guias ou à comunidade local. Este fato exemplifica a visão que a sociedade urbana tem dos parques como natureza selvagem exposta apenas aos olhares dos visitantes. Constatou-se, nesse caso, que a comunidade local não é percebida como parte integrante dessa Unidade. O olhar do turista sobre o Parque não absorve as ações e contingências socioculturais dos moradores locais. Desta forma o Parque é visto independente, inclusive, do próprio contexto ambiental.

Indagados, ainda, a respeito do que é cuidar do Parque, apenas dois sujeitos, de certa forma, se contrapõem às considerações acima. Um deles, além dele próprio, inclui, sutilmente, a comunidade nas ações para com a Unidade de Conservação. Esse entrevista-

do, também, critica o Governo em relação à responsabilidade com os parques, e evidencia preocupação com as pessoas que vive nestas áreas.

Quanto a questão do Governo, acho que infelizmente não é dado o devido cuidado que a questão ambiental realmente necessita no Brasil[...], o que tem acontecido em criar parques só no Decreto. Cria-se o Parque e depois vamos ver o que é que a gente faz para mantê-lo. **Você tem que lembrar que existe a comunidade [...]** **Não é simplesmente criar um parque e depois vamos ver o que nós fazemos com os habitantes.** (turista/sexo masculino/36-45 anos).

As outras respostas sobre como cuidar do Parque mostram as seguintes atitudes básicas: não sair da trilha; não pegar nada; colocar regras de uso e limites de número de pessoas dentro do Parque. Posturas voltadas para o estabelecimento de normas, gerenciamento e treinamento como uma necessidade para a comunidade integrar as ações para proteção e conservação do Parque complementam essas considerações.

Quanto a fiscalização, os turistas entrevistados não expressam essa palavra mas seus depoimentos, mas conotam procedimentos direcionados a essa forma de conservação da Unidade. Para um deles cuidar do Parque

Seria **colocar regras, colocar alguns limites**, como já existe o limite de número de pessoas dentro do Parque. Eu acho que isso é cuidado, [...] (turista/sexo masculino/36-45 anos).

Segundo Dubos (1981), a manipulação homem sobre natureza faz parte das necessidades e condições humanas, no entanto **nem sempre** é feita com base na preocupação, proteção e sobretudo no amor das pessoas pelas paisagens. Essa perspectiva é confirmada por um dos turistas, que questionado sobre a possibilidade de fazer mudanças no Parque, evidencia atitudes negativas com relação à conservação e proteção do mesmo. Esse sujeito demonstra uma nítida visão da área, somente, como espaço de recreação típica dos parques ou clubes urbanos, como podemos ver pelo seu depoimento:

[...] **Abrir novamente a pista** que eles têm lá e **deixá a gente chegar de carro até a porta da cachoeira**, aí era o canal [...]. Eu vixe, **botava um toboágua**, [...] a gente que é turista chega aqui paga trinta reais em 6 Km andando, pra mim é estresse. (turista/sexo masculino/até 25 anos).

É importante destacar que em relato anterior sobre o que mais chama sua atenção na paisagem do Parque, esse sujeito, contraditoriamente, responde que são as [...] *“caminhadas. A caminhada é a inspiração de São Jorge, subi morro, descê morro”*[...]. Ele acrescenta, ainda, que visita o Parque desde os 07 anos de idade, porque é tradição. Desta forma transparece a idéia de co-

nhcimento do lugar, mas ao mesmo tempo não estabelece uma interação com a paisagem, não a apreende, apenas visualiza. As respostas do referido turista são resultantes, possivelmente, de uma relação fugaz mediada apenas pelo consumo da natureza como mercadoria e liberdade nos padrões de comportamento e apropriação das paisagens. Nesse caso, conforme Carlos (1999, p. 24) as paisagens visitadas resultam simplesmente em um nome. “O turista vira *voyeur*, não observador”.

Ainda que preocupados com a proteção e conservação da área, os turistas manifestam atitudes que idealizam novas formas de lazer. Acostumados à rotina do cotidiano, esses sujeitos revelam o desejo de experimentar, descobrir outras paisagens dentro do Parque. Por conseguinte, principalmente os turistas mais jovens, fazem as caminhadas num passo acelerado e pouco ou nunca param para olhar a paisagem a partir das trilhas, pois se preocupam apenas em chegar rapidamente às cachoeiras e desfrutar do que elas oferecem. Devido a esse contato esporádico e superficial com o ambiente a vivência do turista com a paisagem ocorrem geralmente, apenas pela intimidade com as máquinas fotográficas e pela fabricação automática de imagens. Nesse caso Tuan (1980, p. 110) vem ao nosso encontro explicando que [...]” o envolvimento do homem tecnológico com a natureza é mais recreacional do que vocacional”. Segundo esse autor, a percepção do visitante é reduzida freqüentemente a usar os olhos para compor quadros, já os moradores têm atitudes derivadas de sua introdução na totalidade do ambiente.

Conclusão

As considerações aqui apresentadas elucidam que a paisagem do Parque revelam diferentes significâncias para os grupos, conforme a experiência destes para com ela. Numa interface entre o mundo subjetivo e objetivo, essa paisagem é um cenário de encontros e sobreposições de valores, significados e atitudes variadas que, em diferentes escalas, partem daqueles que direta ou indiretamente a vivenciam.

Constituída sob diferentes ritmos temporais e oferecida a inúmeros olhares, a paisagem do Parque passa a integrar várias dimensões as quais exprimem sucessivas relações entre o homem e a natureza no decorrer da história. Nessas paisagens [...] “encontramos os vestígios, as reminiscências, as relíquias da magnitude da história vivida pelas sociedades das diferentes culturas num passado remoto ou não, ou ainda no presente - futuro da contemporaneidade” (LIMA, 2000, p.8). Também nessas paisagens são



encontrados os recursos para a fuga dos olhares cotidianos e em busca do extraordinário que o turismo mobiliza. Elas são vivenciadas mediante a memória e visibilidade das percepções e imagens de diferentes grupos.

Portanto, impregnadas de valor simbólico, ecológico e estético, as paisagens do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros encerram diversas ambiências experienciadas. Daí, essa paisagem traduz-se em diversas paisagens. É [...] “ ‘uma paisagem de mil folhas’ que exige a convivência de várias paisagens ritmos, percepções, escalas e perspectivas” (LUCHIARI, 2001, p.23).

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Maria Geralda de. Em busca do poético do sertão. *Revista Espaço e Cultura*, UERJ, Rio de Janeiro, n. 6, p. 35-45, jul./dez. 1998.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Nova Cultura, 1988. 173 p. (coleção os pensadores).

BARBOSA, Jorge Luiz. Paisagens americanas: imagens e representação do Wilderness. *Revista Espaço e Cultura*, UERJ, Rio de Janeiro, n. 5, p.6-28, Jan./Jun.1998.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. Turismo e a produção do não-lugar. In: YAZIGI, Eduardo; CARLOS, Ana Fani Alessandri; CRUZ, Rita de Cássia A. (Orgs.). *Turismo: espaço, paisagem e cultura*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1999. p.25-37.

COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). *Paisagem, imaginário e espaço*. Rio de Janeiro: UERJ, 1998. p. 92-122.

DIAS, Bráulio F. de Souza (Coord.). *Alternativas de desenvolvimento dos cerrados: manejo e conservação dos recursos naturais renováveis*. Brasília: Fundação Pró-Natureza, 1996. 97 p.

DIEGUES, Antonio Carlos. *O mito moderno da natureza intocada*. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2000. 169 p.

DUBOS, René. *Namorando a terra*. São Paulo: Melhoramentos/EDUSP, 1981.150 p.

LIMA, Solange T. de. Geografia e literatura: alguns pontos sobre a percepção da paisagem. *GEOSUL*, Departamento de Geociências. Programa de Pós-Graduação em Geografia/UFSC, Florianópolis, v.15, n.30, p.7-33, jul./dez. 2000.

LUCHIARI, Maria Tereza D. P. Turismo e cultura caiçara no litoral norte paulista. In: RODRIGUES, Adyr Balastrieri (Org.). *Turismo. Modernidade. Globalização*. São Paulo: Hucitec, 1997. p. 136-154.



_____. A (re)significação da paisagem no período contemporâneo. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). *Paisagem, imaginário e espaço*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001. p. 9-28.

MACHADO, Lucy Marion C. P. *A serra do mar paulista: um estudo de paisagem valorizada*. 1988. 312 f. (Doutorado em Geografia), UNESP, Rio Claro, São Paulo.

MELLO, João Batista Ferreira de. Geografia humanística: a perspectiva da experiência vivida e uma crítica radical ao positivismo. *Revista Brasileira de Geografia*. IBGE, Rio de Janeiro, v. 52, n. 4, p. 91-115, out./dez.1990.

NOGUÉ i FONT, Joan. El paisaje existencial de cinco grupos de experiencia ambiental. Ensayo metodológico. In: BALLESTEROS, Aurora García (Ed.). *Geografía y humanismo*. Barcelona-Espanha: Oikos-tau, 1992. p.10-17.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Pensar é estar doente dos olhos. In: NOVAES, Adauto. (Org.). *O Olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p.327-346.

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1980. 288p.

_____. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983. 250 p.